Amazônia: território sob fogo cruzado

Os incêndios na Amazônia estão acontecendo com mais frequência e intensidade. Mas quem realmente está queimando as florestas?

A Amazônia, que cobre parte do que hoje é considerado Brasil, Peru, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Equador, Guiana, Guiana Francesa e Suriname, é um território vivo, em permanente transformação, que coexiste com centenas de povos e comunidades que dependem das florestas.

Embora as florestas sejam mais bem cuidadas em território indígena, as práticas e os conhecimentos que as protegem continuam marginalizados e até criminalizados. O fogo é uma peça fundamental.

Quem está realmente queimando as florestas na Amazônia?

A maioria dos cientistas pressupunha que os grandes incêndios sazonais fossem improváveis em áreas de muita umidade, como a Amazônia, mas os acontecimentos dos últimos anos desmentiram essa suposição. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) registrou **mais de 200 mil incêndios florestais na Amazônia brasileira apenas em 2017**. (1)

De acordo com um de seus pesquisadores, a causa fundamental para que os incêndios se espalhem com tanta velocidade não são as "queimadas indígenas", frequentemente responsabilizadas, nem as secas – que na verdade aparecem de maneira cada vez mais frequente e prolongada – e sim **o chamado "corte seletivo" ou "corte com impacto reduzido"**.

Esse tipo de corte se tornou popular em todo o mundo desde os anos 1990, já que prometia a extração de madeira sem causar os efeitos devastadores do corte raso ou do desbaste. Sob essa prática, também chamada de "manejo florestal sustentável", os madeireiros extraem apenas a madeira considerada valiosa para o comércio. No entanto, estudos recentes mostram que, mesmo quando as taxas de extração são muito baixas, pode-se chegar à perda de biodiversidade, já que se acaba degradando e fragmentando a floresta, não apenas por retirar a madeira, mas também por abrir estradas. (2) O corte

seletivo também afeta a vegetação remanescente, o solo, os processos hidrológicos e de erosão, e facilita a propagação do fogo. (3) Também deixa paus e restos pelo caminho, que se tornam inflamáveis quando secam. **Ao fragmentar a floresta, os incêndios se propagam cada vez mais rápido em épocas de seca.** A mudança climática apenas exacerba esse processo.

Além disso, depois de comparar 12 anos de dados de satélites de cinco países amazônicos (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Brasil), Dolors Armenteras, uma especialista em incêndios e desmatamento que trabalha na Colômbia, concluiu que **os grandes incêndios estão associados às rotas de comunicação na Amazônia**. No Equador, por exemplo, **a exploração de petróleo e a abertura de estradas associadas a essas rotas estão fortemente ligadas aos incêndios** e ao desmatamento. (4) Ao analisar um mapa da Amazônia que mostra as estradas em fase de implementação, o pesquisador Carlos Porto-Gonçalves reflete: “a área tradicionalmente contínua de floresta começa a ser fracionada em blocos separados pelas estradas. Até cerca de 20 anos atrás, as estradas estavam nas margens da região, mas agora, não apenas avançam contra a Amazônia, mas também passam a fragmentá-la, o que provoca efeitos metabólicos de grande alcance. **Entre essas grandes rodovias que passam a fragmentar a região, ou melhor, a partir delas, surge uma série de estradas locais que promovem o desmatamento, em um processo que parece sem controle** e cujos efeitos são claramente devastadores em suas múltiplas escalas: local, regional, nacional e global.” (5)

Contudo, o corte seletivo de madeira e as estradas nos alertam para um problema maior.

Com o processo de colonização da região amazônica, iniciou-se uma intervenção “desenvolvimentista”. **Um modelo imposto de “desenvolvimento” que procura identificar, quantificar, explorar e monopolizar o maior número possível de “recursos naturais” para alimentar um mercado capitalista** que se intensifica e se acelera cada vez mais. A destruição e a expropriação intensas que essa intervenção continua causando sobre as pessoas e os locais de acumulação e poluição fazem parte **da injustiça e do racismo ambiental que lhe são inerentes**. (6) Esse “desenvolvimento” é **subjacente às muitas atividades que costumam ser identificadas como “motores do desmatamento”**, como as indústrias de madeira, agricultura, pecuária e celulose, bem como a extração, o transporte e o processamento de combustíveis fósseis e minerais, e a proliferação das hidrelétricas. (7) Essas

indústrias, por sua vez, precisam de estradas, vias fluviais, portos, alojamento de trabalhadores, etc.

Vale ressaltar que, em muitos casos, esses **“motores do desmatamento” queimam enormes áreas de floresta para abrir o caminho ao seu “desenvolvimento”**. Esses incêndios, que não são proibidos nem criminalizados, são o mecanismo mais barato e mais comumente usado por muitas dessas indústrias.

É importante notar que **os incêndios florestais também são uma ameaça aos territórios indígenas** da Amazônia. De outubro a dezembro de 2017, por exemplo, no Brasil, 24 mil hectares do território indígena Kaiapó foram queimados, enquanto o território Xikrin, do rio Cateté, perdia cerca de 10 mil hectares. (8) Os dois territórios já haviam sofrido com a extração ilegal de árvores de mogno, e ambas as comunidades ainda estão lutando contra a mineração. No caso do território Xikrin, a extração de madeira envolveu a construção de 130 quilômetros de estradas primárias e 173 quilômetros de estradas secundárias. (9)

O manejo indígena do fogo

A chamada agricultura itinerante, migratória ou de “corte-e-queima”, uma prática milenar usada pelos povos da floresta, quase sempre é responsabilizada por causar incêndios e desmatamento. No entanto, sabe-se que o seu uso conserva e melhora o solo, estimula o crescimento de certos tipos de vegetação e contribui para a proteção de habitats específicos. Ao abrir clareiras na floresta e queimar os restos de galhos e folhas, são produzidos nutrientes que enriquecem o solo e evitam incêndios maiores em épocas de seca. A prática de empregar lotes distanciados, em lugares, escalas e ciclos de tempo específicos, com longos períodos de repouso para permitir a regeneração, indica o importante conhecimento ancestral das comunidades sobre como respeitar o meio ambiente e coexistir com ele de forma sensível e respeitosa.

No entanto, o fogo cumpre um papel que vai muito além de abrir áreas para o cultivo. Os povos amazônicos sabem que as florestas densas não podem ser muito ricas em fauna e que os lotes abandonados para repouso se tornam muito atrativos para animais de caça. Esses lotes dispersos também limitam a propagação de pragas, fungos e insetos, e incentivam determinados tipos de vegetação. Além disso, com o fogo, estimulam árvores frutíferas, criam espaços sagrados, controlam certas áreas de pasto e forragem para animais domésticos, abrem caminhos de viagem, mantêm espaços comunitários e habitacionais,

etc. **Esse uso sábio do fogo tem sido um elemento fundamental na evolução histórica da diversidade amazônica.**

Muitas comunidades, no entanto, têm ficado sem possibilidades de cultivar em seus lugares de origem, seja porque suas terras e/ou entornos de vida foram tomados, contaminados, expropriados no âmbito das políticas injustas, seja porque precisam escapar de situações de violência e criminalização. Isso as forçou a "adaptar" os ciclos da agricultura itinerante, as áreas de cultivo e pastagem e os tempos de rotação a espaços e ritmos muito mais curtos.

Diante disso, e com um discurso sobre "conter o desmatamento", **as políticas de conservação chamam as práticas agrícolas milenárias de improdutivas e aproveitam a crise climática para impor programas que supostamente tornariam sua agricultura mais "eficiente"**. Não se procura conter o corte de madeira, as estradas ou as indústrias que fomentam a fragmentação da floresta. Usando slogans como "agricultura de baixo carbono" ou "amiga do clima", **procura-se proibir e criminalizar a prática indígena de uso do fogo**. Muitos programas buscam inclusive assimilar os indígenas como uma opção barata em projetos de combate a incêndios.

Em Roraima, no Brasil, as agências governamentais querem substituir as práticas indígenas de uso do fogo pelo uso de tratores sob o lema "a tecnologia é branca, não indígena." (10) No Parque Nacional Canaima, na Venezuela, muitos jovens do povo indígena Pemón têm criticado o uso tradicional do fogo, em grande parte devido a programas público-privados de educação ambiental com foco em controle de incêndios. O resultado é um declínio no uso do fogo por parte das comunidades Pémon e, portanto, o acúmulo de biomassa inflamável, já que os restos de plantas não são queimados nos ciclos habituais. Isso, por sua vez, facilitou o aumento de grandes incêndios florestais na estação seca. (11)

Nos poucos casos em que ao menos se reconhece a importância desse manejo local, ele acaba sendo prejudicado ao ser incluído em mecanismos de mercado ou de incentivo dentro de programas para mitigar a mudança climática. Assim, diversas queimadas locais são consideradas atividades potencialmente geradoras de benefícios no contexto do mercado de carbono. (12)

O não reconhecimento do importante papel do fogo nas florestas tem implicações cruciais para a regeneração, a conservação e a manutenção destas, bem como para as pessoas que dependem delas. O fogo, em uma convivência respeitosa, sempre fez e continua fazendo parte da vida nas florestas da

Amazônia.

Joanna Cabello, joanna [at] wrm.org.uy

Membro do secretariado internacional do WRM

(1) Mongabay, *Record Amazon fires stun scientists; sign of sick degraded forests*, October 2017, https://news.mongabay.com/2017/10/record-amazon-fires-stun-scientists-sign-of-sick-degraded-forests/

(2) Veja, por exemplo: Science Direct, Identifying thresholds of logging intensity on dung beetle communities to improve the sustainable management of Amazonian tropical forests, 2017, https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0006320717311709 ou Mongabay, *Ecologists are underestimating the impacts of rainforest logging*, 2014, https://news.mongabay.com/2014/07/ecologists-are-underestimating-the-impacts-of-rainforest-logging/

(3) Asner, G. et al. (2005) Selective logging in the Brazilian Amazon, https://www.fs.fed.us/global/iitf/pubs/ja_iitf_2005_asner001.pdf

(4) La catalana que estudia los incendios forestales en Colombia, El Espectador, fevereiro de 2018, https://www.elespectador.com/noticias/ciencia/la-catalana-que-estudia-los-incendios-forestales-en-colombia-articulo-739693

(5) Porto-Goncalves, C. (2018), Amazonía. Encrucijada civilizatoria, http://www.sudamericarural.org/images/impresos/archivos/Amazonia_encrucijada_civilizatoria.pdf

(6) Boletim 223 do WRM, abril de 2016, Racismo na floresta: um processo de opressão a serviço do capital: https://wrm.org.uy/pt/boletins/boletim-nro-223-abril-2016/

(7) Veja mapa sobre as represas na Amazônia: http://dams-info.org/es ; concessões petroleiras: https://es.mongabay.com/2013/03/108-millones-ha-de-la-pluviselva-amazonica-disponibles-para-exploracion-explotacion-de-petroleo-y-gas/ ; veja mapas das diferentes indústrias na região em: “Amazonía bajo presión”, https://www.amazoniasocioambiental.org/es/publicacion/amazonia-bajo-

presion/

(8) Weisse M. and Fletcher K., *Places to Watch: 5 Forests at Risk This Month,* 2017, http://www.wri.org/blog/2017/12/places-watch-5-forests-risk-month

(9) Watson F. (1996) "*A view from the forest floor: the impact of logging on indigenous peoples in Brazil*", https://academic.oup.com/botlinnean/article-pdf/122/1/75/8102179/j.1095-8339.1996.tb02064.x.pdf

(10) Oliveira, J. et. al. (2005) *Agricultura familiar nos lavrados de Roraima*, em Jayalaxshimi M. et. al. (2016) *Community owned solutions for fire management in tropical ecosystems: case studies from indigenous communities in South America*, https://www.researchgate.net/publication/303503987_Community_owned_solutions_for_fire_management_in_tropical_ecosystems_Case_studies_from_Indigenous_communities_of_South_America

(11) Sleto, B. (2006) *Burn marks: the becoming and unbecoming of an Indigenous landscape* e Sleto, B. (2008) *The knowledge that counts* en Jayalaxshimi M. et. al. (2016) *Community owned solutions for fire management in tropical ecosystems: case studies from indigenous communities in South America,* https://www.researchgate.net/publication/303503987_Community_owned_solutions_for_fire_management_in_tropical_ecosystems_Case_studies_from_Indigenous_communities_of_South_America

(12) Veja, por exemplo: *Fire is REDD+: offsetting carbon through early burning activities in south-eastern Tanzania*, https://www.cambridge.org/core/journals/oryx/article/fire-is-redd-offsetting-carbon-through-early-burning-activities-in-south-eastern-tanzania/11497CDE605E4FAE7F2E45171EEC46A5 e Jayalaxshimi M. et. al. (2016) *Community owned solutions for fire management in tropical ecosystems: case studies from indigenous communities in South America*, https://www.researchgate.net/publication/303503987_Community_owned_solutions_for_fire_management_in_tropical_ecosystems_Case_studies_from_Indigenous_communities_of_South_America